



Revista
Symposium

O CAMINHO QUE LEVA AO ENCONTRO COM O PODER SALVÍFICO DE DEUS: uma análise bíblico- teológica de um itinerá- rio de fé em Mc 5, 21-43

João Luiz Correia Júnior

Resumo: O caminho que leva ao encontro com o poder salvífico de Deus. Neste artigo, temos uma síntese de tese para obtenção do título de Doutor em Teologia, em que o autor apresenta uma contribuição bíblico-teológica, oferecendo condições para o debate do fenômeno religioso na atualidade, apontando também para possibilidades e caminhos aos que desenvolvem a ação pastoral no âmbito da Igreja. Em três abordagens, o texto analisa perícopes do Evangelho segundo São Marcos (Mc 5, 21-43): no contexto literário, em seus detalhes internos à luz de contribuições exegéticas; estudo do que estaria por trás da narrativa levando em ponderação o contexto histórico; análise do sentido que o texto oferece aos intérpretes de hoje.

Palavras-chave: religião, bíblia, evangelho, salvação, Igreja.

Abstracts: This paper is an abstract of a PhD thesis in Theology (in preparation). The author presents a biblical-theological contribution, which puts for-

wards topics in the discussion of religious phenomena in modern times. He also indicates possibilities and paths to those involved with pastoral action in the Church. In three approaches, the text analyses a pericope of the Gospels according to St Mark (Mk 5,21-43): in the literary context, in its internal details in the light of exegetical contributions; a study of what is behind the narrative, taking into account the historical context; an analysis of the meaning that the text offers to the interpreters of today.

Key words: Religion, bible, Gospels, salvation, church.

INTRODUÇÃO

A presente Tese tem como objetivo trazer uma contribuição bíblico-teológica para a discussão do fenômeno religioso hoje, apontando caminhos de ação pastoral para as Igrejas.

Em plena crise dos valores defendidos pela Modernidade, o vácuo deixado pelas antigas instituições portadoras de sentido (entre elas, a Igreja Católica) foi gradativamente ocupado pela busca de experiências religiosas individuais que visam à realização pessoal e privada, por meio de expressões religiosas do tipo funcional.

Buscamos sistematizar a Tese a partir do estudo bíblico-teológico de Mc 5, 21-43.

No contato com o mais profundo do fosso da limitação humana, quando tudo parece perdido, sem sentido, muitas vezes só nos resta uma saída: realimentar a sutil e frágil chama da fé e pôr-se no caminho que leva ao encontro com o poder de Deus, que, ao nosso ver, é capaz de salvar.

Para nós, cristãos, Jesus é o mediador (o condutor) entre a fragilidade da fé humana e o grandioso e forte poder divino. Através da humanidade de Jesus, a fé “toca” no Sagrado¹ realmente capaz de salvar (Sagrado Salvífico), e a vida volta a ter sentido: a saúde é restaurada, a ameaça da morte prematura é eliminada e o ser humano se habilita a construir a sua dignidade de pessoa no âmbito da convivência social, dando novo sentido à sua existência.

Os três capítulos da Tese

No Primeiro Capítulo, mergulhamos no texto marcano, a fim de entender a perícope (5,21-43) no seu contexto literário e nos seus detalhes internos, através da contribuição exegética.

No Segundo Capítulo, procuramos perceber o que poderia estar por trás da narrativa, a fim de entender as possíveis preocupações do contexto histórico das comunidades marcanas no que se refere à busca de sagrado naqueles dias em que o texto foi escrito.

Por fim, no Terceiro Capítulo, buscamos captar a reserva de sentido que o texto tem para hoje, que possa iluminar a problemática de busca de sagrado e de sentido para a vida em nossos dias.

CAPÍTULO I: ESTUDO DA PERÍCOPE

A perícope aparece nos Evangelhos Sinóticos (Mc 5,21-43; Mt 9,18-26; Lc 8,40-56).

Em Marcos, o evangelho mais antigo (não necessariamente a edição, mas a catequese nele contida aparece em sua forma mais antiga), a perícope está localizada na primeira parte do Evangelho:

- I. Prólogo (1, 1-13): Apresentação do Messias
- II. Primeira Parte (1, 14-8, 26): O ministério do taumaturgo Jesus de Nazaré
Quem é Jesus?
- III. Segunda Parte (8, 27-16, 8): Aos poucos, vai-se esclarecendo quem é Jesus
Jesus é o Messias Sofredor
- IV. Conclusão canônica, apêndice (16, 9-20): Aparição de Jesus ressuscitado

Neste trabalho, optamos pela complementaridade das duas partes acima (a primeira e a segunda). O Evangelho de Marcos pode ser interpretado como um roteiro-viagem, um itinerário de fé que orienta os seguidores e seguidoras de Jesus, desde a Galiléia até Jerusalém. Nessa cami-

nhada, discípulos e discípulas vão descobrindo a Boa Nova e encontrando a resposta para as perguntas: “Quem é Jesus? Como ser seu discípulo e discípula?”

A narrativa marcana foi elaborada dentro de uma concepção cristológica e soteriológica da pessoa e da prática de Jesus. O texto analisado a partir dessa ótica ajuda a perceber mais claramente a sua coerência interna com a trama em torno do segredo messiânico e a sua perfeita elaboração que visa a prestar um serviço ao leitor(a) para que ele(a) desvende o mistério em torno da pessoa Jesus de Nazaré.

Assim, o evangelista Marcos parece querer transmitir que os gestos e as palavras de Jesus não devem ser proclamados como algo à parte, sem articulação com o todo da vida-morte-ressurreição de Jesus. Disso se deduz também que o seguimento radical de Jesus implica necessariamente se assumir a prática de Jesus, mesmo sob o risco constante de perseguição e da própria morte.

Ao reassumir a prática taumatúrgica de Jesus com todas as suas conseqüências, o evangelho de Marcos atrai a nossa atenção para o momento presente, tido por Marcos e sua comunidade como o tempo da salvação escatológica. Os relatos de milagre desempenham importante papel nesse sentido, pois destacam a autoridade do Jesus histórico e a fé da comunidade que está por trás dessas tradições, como elementos essencialmente constitutivos e vinculantes do ser discípulo e discípula de Jesus Cristo².

Tais práticas taumatúrgicas, retomadas pelo narrador, colaboram com a intenção pedagógica de todo o texto, que visa a suscitar a pergunta sobre quem - de fato - é esse homem, para que cada um dos seus seguidores e seguidoras (que não o conheceram de perto) dêem a resposta a partir da fé verdadeira que possa motivar a prática de novos gestos concretos em prol da vida, dentro da realidade desafiadora do contexto histórico presente, tal qual o fez Jesus no seu tempo.



A perícopre, objeto do nosso estudo (Mc 5,21-43), está inserida na primeira parte do Evangelho. Em toda essa primeira parte, como vimos, há pouca referência ao significado da pessoa de Jesus, à sua dignidade oculta de Filho de Deus, dignidade essa que perpassa toda a sua vida, sobretudo sua vida pública como taumaturgo.

Para Marcos, parece ser relevante ressaltar a atuação do Jesus terreno como algo fundamental para o querigma (khvrugma), isto é, para o anúncio da Boa Nova³.

Mas tal agir de Jesus não leva as pessoas a crerem nele automaticamente. E, pior: quanto mais Jesus revela o seu poder, tanto mais provoca oposição ou, no mínimo, incompreensão dos que o rodeiam.⁴

Por não compreenderem a prática de Jesus e até o perseguirem, as pessoas parecem estar cegas. É sugestivo que a cura do cego de Betsaida (8, 22-26) sirva de conclusão dessa primeira etapa do livro. Depois de haver constatado a cegueira total das pessoas (a incompreensão dos discípulos de Jesus e a perseguição dos seus inimigos) e antes de começar a desenvolver com clareza o aspecto da vida de Jesus que se torna escândalo (a cruz), a cura adquire um caráter simbólico: nos dias de seu ministério, Jesus transmitia luz à comunidade. Jesus teve de agir com paciência ao curar aquele homem: por duas vezes impôs as mãos sobre ele, que no princípio enxergou as pessoas parecidas com árvores ambulantes; porém, no final, acabou curado e via tudo com clareza. O mesmo processo se deu com os discípulos no contato com Jesus, pois só gradativamente puderam enxergar com clareza a proposta de Jesus, após sucessivos contatos com Ele⁵.

Na primeira parte do Evangelho de Marcos, podemos encontrar três seções ⁶:

Primeira Seção: 1, 14-3, 6..... O Ministério de Jesus e a cegueira das autoridades (começo do ministério na Galiléia)

Segunda Seção: 3, 7-6, 6a..... O Ministério de

Jesus e a cegueira do seu povo (ponto alto do ministério na Galiléia)

Terceira Seção: 6, 6b-8, 26.....O Ministério de Jesus e a cegueira dos discípulos (ministério fora da Galiléia).

A Segunda Seção (3, 7-6a) pode ser assim delimitada: abre-se com um sumário que dá uma visão global do ministério de Jesus e da atração que ele exercia sobre as multidões (3, 7-12); encerra-se com uma profunda incredulidade por parte daquelas pessoas que conheciam Jesus desde criança, a respeito do seu ministério (6, 1-6a). É a incompreensão e rejeição por parte dos “seus”.

Em meio a tal situação, a narrativa marcana parece querer sublinhar que:

a) não basta estar próximo de Jesus - ao ponto de esbarrar no corpo dele - como fazem as multidões, é necessário aproximar-se dele com a fé de Jairo e da hemorroíssa (5, 21-43); b) não basta fazer parte da parentela de Jesus, pois ela demonstra muita incredulidade, apesar de conhecê-lo de perto (6, 6), é necessário entrar no seu verdadeiro parentesco (num recado indireto para os seus discípulos), deixando-se afetar profundamente por sua Palavra, através da fé testemunhada, como o demonstrou a mulher com fluxo de sangue e o chefe da sinagoga (5, 21-43).

Mc 5, 21-43 contribui, portanto, com a intenção marcana em apresentar Jesus aos discípulos e discípulas, num contexto de crise, para aumentar-lhes a fé e o compromisso cristão no discipulado. Um Jesus que se revela com misterioso poder salvífico que, entre outras coisas, é capaz de restaurar as criaturas humanas relegadas à condição sub-humana, libertando-as da doença que as diminui e exclui do convívio social; um Jesus que é capaz de salvar a vida das pessoas, resgatando-as da morte que as exclui da vida antes do tempo.

Encontramos relações internas na narrativa, as quais podem sugerir o seguinte esquema:

- A. 21 Numerosa multidão cerca Jesus (**domínio público**)
 B. 22 O chefe da sinagoga **prostra-se** diante de Jesus
 C. 23 **Súplica** pela filhinha
 D. 24a **Jesus acompanha** Jairo
 E. 24b Numerosa multidão (**massa amorfa**)
 comprime Jesus
 F. 25-28 O **segredo** da mulher e sua
 secreta atitude
 G. 29-31 A cura e a **consciência**
 do poder de Jesus em
 meio à **inconsciência**
 dos discípulos
 F' 32-33 A mulher se revela e **proclama**
 toda a verdade
 E' 34 Uma filha de Jesus (**uma alguém**)
 emerge da multidão
 D' 35-40 **Alguns poucos acompanham** Jesus
 C' 41 **Ação concreta:** Jesus atende a súplica
 B' 42 A filha do chefe da sinagoga **levanta-se e anda**
 A' 43 Ninguém deve saber (**intimidade**)

A. O primeiro paralelo do quiasma: a moldura da perícopo (v. 21 / v. 43)

Tomando o vers. 21 como introdutório à narrativa de cura da filha de Jairo e da hemorroíssa, podemos encontrar uma moldura da perícopo com o vers. 43:

Na abertura da narrativa, Jesus está cercado por **numerosa multidão**, à beira-mar, sem privacidade alguma.

No fecho da narrativa, Jesus está dentro de uma casa, num quarto fechado em companhia de algumas poucas pessoas, num ambiente de privacidade, recomendando - inclusive - que **ninguém** tomasse conhecimento do que se passara ali.

Os dois versículos estão, portanto, em paralelismo antitético: **domínio público** (numerosa multidão) X **intimidade** (poucas pessoas, sigilo).

B. O segundo paralelo (v. 22 / v. 42)

Num extremo do quiasma (v. 22), Jairo cai aos pés de Jesus para suplicar a cura de sua filha; no outro extremo (v. 42), a menina se levanta e anda.

Chamam a atenção os verbos antitéticos utilizados: “cair” / “levantar-se”.

C. O terceiro paralelo (v. 23 / v. 41)

O pedido de Jairo, para que Jesus salve sua filha impondo as mãos sobre ela (v.23), é plenamente realizado (v. 41).

D. O quarto paralelo (v. 24 / vv. 35-40)

No vers. 24, Jesus acompanha Jairo até sua casa, enquanto, nos versículos 35-40, percebe-se que, na verdade, poucos acompanham Jesus. Diante das dificuldades que parecem tornar-se intransponíveis, Jesus dá um conselho fundamental a Jairo: “Não temas; crê somente”. Possivelmente por causa da falta de fé, muitos vão ficando pelo caminho: da multidão, não permitiu que ninguém o acompanhasse, exceto Pedro, Tiago e João; na casa, ordenou que saíssem todos, exceto o pai, a mãe da criança e os que o acompanhavam, e com eles entrou onde estava a criança. Só quem não perde a fé diante das dificuldades é que consegue ser plenificado pela graça proveniente da presença de Jesus.

E. O quinto paralelo (v. 24b / v. 34)

Chegamos à narrativa de cura da hemorroíssa. Tomando o vers. 24b como introdução, temos a numerosa multidão que continua seguindo Jesus. E, como conclusão deste relato de milagre, temos o vers. 34, através do qual fica demonstrado que é do meio dessa massa amorfa, isto é, sem nome, rosto, sem identidade própria, que emerge alguém com a dignidade de ter sido salva pela fé que demonstrou em Jesus; curada definitivamente de suas mazelas, é o próprio Jesus que lhe chama de “minha filha”.

F. O sexto paralelo (vv. 25-28 / vv. 32-33)

Nos vv. 25-28, é narrada a situação da mulher, até que ela - num fosso profundo de sofrimento que parece não ter fim - resolve secretamente buscar socorro em Jesus: escondida no meio da multidão, por trás, toca nas vestes dele na esperança de ficar curada. Nos vv. 32-33, aos pés de Jesus, a mulher sai da clandestinidade: revela-se diante de todos, proclamando toda a verdade.



G. O centro do quiasma (vv. 29-31): o encontro com o poder de Deus em Jesus

Uma poderosa energia revitalizadora (**duvnamiv**) foi desencadeada com o toque da mulher nas vestes de Jesus, fazendo estancar imediatamente a hemorragia, ao ponto de ela sentir-se curada. Ao mesmo tempo, também de forma imediata, Jesus toma consciência de que poderosa energia emanara do seu corpo em virtude de um toque especial de alguém.

CAPÍTULO 2: O ENCONTRO COM O PODER SALVÍFICO DE DEUS EM JESUS

A partir da exegese realizada no primeiro capítulo, sobretudo daquilo que destacamos como

o centro da perícopa (Mc 5, 29-30), percebemos que o evangelista Marcos narra substancialmente a consciência proveniente da experiência libertadora, provocada pelo **encontro** com o poder salvífico de Deus na pessoa de Jesus. Este é concebido pelo evangelista Marcos (e apresentado às comunidades marcanas) como um poder capaz de salvar.

Como todo **encontro**, temos aqui pessoas que se deparam e se confrontam, interagindo mutuamente, a partir de interesses que nascem da perspectiva de quem está em missão e da perspectiva de quem busca algo imprescindível para a sua existência.

1) A PARTIR DO PONTO DE VISTA DA MISSÃO (OFERTA DE SAGRADO)

[a] ----- >	[b]
JESUS SE APROXIMA	JESUS SE FAZ PRÓXIMO (aproxima-se do seu povo)
“Atravessa o mar” (5, 21)	Faz-se corpo com a multidão
(Encarnação)	(É solidário)

Jesus foi percebendo, no contato com seu povo sofrido, que a dinâmica da vida poderia ser restaurada, que a ligação com o autor dessa força vital poderia ser restabelecida e reforçada e o sucesso dessa ação deveria ser atribuído à fé no poder de Deus.

Jesus torna próximo e até sensível o poder de Deus, único capaz de provocar uma recriação (VIDA NOVA). Em Jesus, Deus se aproxima para libertar, do mesmo modo que em Ex 3, 7-8.

2) A PARTIR DO PONTO DE VISTA DE QUEM BUSCA (PROCURA DE SAGRADO)

[a] ----- ->	[b]
NECESSIDADE CONCRETA	BUSCA (Recorre-se a Jesus)
IMEDIATA	CAMINHADA DE FÉ
de Jairo - por sua filha	
da hemorroíssa - por si mesma	

Jairo, prostrado aos pés de Jesus, representa o poder sinagoga que estaria capitulando. A instituição antiga, portadora de sentido, perde força e credibilidade: não consegue restaurar a vida dos seus filhos.

Pessoas do sexo feminino (jovem e adulta) são restauradas no contato com a prática ético

salvífica de Jesus. Restabelecidas em dignidade, colocadas de volta no âmbito da convivência social, representariam os excluídos da vida que buscam nas comunidades cristãs uma nova instituição restauradora de sentido.

Esvaziam-se e perdem sentido os sagrados que ficam presos a templos, a ritos, que não conse-

guem revitalizar a vida.

3) ENCONTRO LIBERTADOR

Experiência de Deus

Encontro com a **duvnamiv** de Deus (Sagrado Salvífico)

Nesse ENCONTRO, nesse contato, fortalece-se a experiência salvífica que brota da interação entre o **poder da fé** da pessoa necessitada e o **poder restaurador da vida**, próprio da onipotência de Deus. O Reino de Deus irrompe na história, no cotidiano das pessoas.

Que elementos do contexto marcano teriam motivado tal narrativa no que se refere à perspectiva do encontro salvífico libertador com a pessoa de Jesus Cristo?

Levantemos aqui algumas possibilidades...

A) Retomada de uma mística da libertação

Marcos parece estar querendo lembrar às comunidades cristãs do seu tempo que “tocar” em Jesus (como o fez a hemorroíssa) e “ser tocada” por Ele (como o foi a filha de Jairo) é manter relação íntima com a expressão do Amor, que se realiza na entrega do próprio Deus à humanidade.

O evangelista bebe do próprio poço de sua cultura judaica. Ele sabe que essa experiência mística libertadora tem suas raízes no Antigo Testamento: Deus se faz tão próximo que chega a ouvir o clamor do povo por causa dos seus opressores; Deus se faz tão íntimo do cotidiano do povo que “conhece as suas angústias” (Ex 3,7); Deus está tão solidário com o povo, que desce “a fim de libertá-lo da mão dos egípcios, e para fazê-lo subir daquela terra a uma terra boa e vasta, terra que emana leite e mel” (Ex 3, 8).

Contudo, nas entrelinhas de sua narrativa, Marcos parece querer lembrar às comunidades cristãs que essa realidade salvífica, embora próxima e ao alcance de todos, precisa de ser livremente acolhida, o que é um respeito profundo à liberdade humana. Na narrativa de cura da hemorroíssa, chama a atenção o fato de que muitos esbarravam no corpo de Jesus no arrocho da multidão, mas não

conseguiram tocá-lo com a profundidade com que a mulher o tocou, rompendo a multidão. Do mesmo modo, na narrativa de cura da filha de Jairo, chama a atenção a iniciativa corajosa de ele romper a barreira de pertença à sinagoga e suplicar a Jesus pela cura de sua filha.

Dessa forma, a mensagem de Marcos para as comunidades cristãs do seu tempo parece ser esta: o movimento inaugurado por Jesus (a exemplo dEle) precisa manter-se solidariamente aberto para todos, sobretudo para os que sofrem qualquer tipo de exclusão social. Essa deve ter sido uma das grandes preocupações do evangelista.⁷ Mas parece que Marcos também está consciente de que a pertença a esse movimento não garante a transformação na vida das pessoas; é preciso que elas (a exemplo de Jairo e da hemorroíssa) estejam predispostas a acolher o dom de Deus que se faz próximo. É preciso que se disponham a fazer (e façam!) todo um itinerário de amadurecimento da fé.

Um outro aspecto característico da mística cristã que Marcos parece sugerir a partir dessa dupla narrativa de milagres (Mc 5, 21-43), é que a liberdade para acolher o dom de Deus se dá na medida em que a pessoa não tem mais nada e ninguém a quem se prender como tábuas de salvação. Todas as tábuas em que podiam agarrar-se no afã de se salvarem, a realidade lhes tirou do alcance: médicos, recursos financeiros e até a própria religião.

Tal realidade desgraçada os torna livres... Podem, finalmente, sem mais nada que os prenda, colocar-se na estrada do seguimento de Jesus, no caminho da graça. No texto, Jairo se pôs na estrada e aproximou-se de Jesus para lhe suplicar a cura de sua filha (5, 22); a hemorroíssa, por sua vez, também se pôs em caminho para ousar tocá-lo secretamente, no meio da multidão, na esperança de ficar curada (5, 27). Deixaram tudo e a todos e se lançaram por inteiro no seguimento de Jesus, na esperança de conseguirem o milagre a que tanto aspiravam. O texto marcano sugere, portanto, que a experiência salvífica consiste em assumir o seguimento de Jesus, participar de sua vida, do seu movimento, num seguimento dinâmico e radical.



Marcos escreve para comunidades cristãs inseridas em ambientes marcados pela cultura greco-romana. Nesse contexto cultural, as pessoas também buscavam sagrados na esperança de alcançar milagres. Talvez por trás de narrativas de milagre como a que encontramos em Mc 5, 21-43, estaria presente uma sugestão para as comunidades marcanas: por que não propiciar este encontro com o Sagrado (que salva vidas, que cura, que liberta e, portanto, que gera vida nova) nas comunidades que continuam o movimento iniciado por Jesus? Nessa perspectiva, as comunidades cristãs estariam vocacionadas a ser o espaço em que as pessoas encontrariam a presença viva do Sagrado Salvífico Cristão, a presença viva de Jesus ressuscitado.

Uma outra intuição interessante que se percebe na narrativa de Mc 5, 21-43 é a de que a salvação está em função da vida. Na Bíblia, a salvação também é oferecida em função da totalidade da pessoa, que compreende a sua corporalidade, a sua história pessoal e a sua relação com a comunidade da qual faz parte.

Na narrativa de cura da hemorroíssa, Jesus insistiu em saber quem o tocou, ao perceber que, naquele instante, um poder saíra dele; a mulher, curada do seu fluxo de sangue, viu-se obrigada a contar toda a verdade (5, 30. 32-34). Isso sugere que a experiência profunda que nasce do contato com o Sagrado Mistério de Deus na pessoa de Jesus Cristo (mística cristã), por ser intensa e transformadora, não pode ficar guardada na intimidade de quem a viveu (intimismo espiritualista). Tem que ser testemunhada.

De fato, as transformações causadas pelo contato com o Sagrado Salvífico são, muitas vezes, tão perceptíveis, que não podem ficar escondidas; devem ser proclamadas corajosamente (sem temer conseqüências), para todos saberem que Deus está solícito em atender a quem se aproxime - com fé - do seu poder revigorador.

Assim, a transformação do corpo daquela mulher hemorrágica implicou uma postura que revela a nova condição da MULHER motivada por Jesus: dar testemunho público e ser acreditada no

que diz. Isso é uma grande novidade (Boa Nova) naquela cultura patriarcal. Nesse testemunho público (muito melhor narrado por Mc do que por Lc, enquanto Mt nem menciona), pode estar implícito o reconhecimento marcano de que a mulher estava desempenhando importante papel na missão evangelizadora da Igreja primitiva.

Contudo, na casa de Jairo, Jesus se posiciona de forma radicalmente diferente: impede que se anuncie a salvação da filha do chefe da sinagoga (5, 43a). Talvez porque as pessoas que ali estavam (fiéis praticantes da religião oficial) já celebravam os rituais próprios do funeral (celebravam a morte), demonstrando, inclusive, profunda incredulidade quanto à possibilidade de que a situação da menina pudesse ser revertida através da intermediação de Jesus, uma vez que só Deus e mais ninguém poderia fazê-lo; tal pretensão seria motivo de zombaria, como realmente o foi (5, 40).

Fica evidente, portanto, que essas pessoas não participavam do movimento em torno do seguimento de Jesus: não acompanhavam de perto os ensinamentos do Mestre; não presenciaram o seu poder sobre as forças do caos (tempestades, doenças, espíritos malignos etc.); não escutaram - por exemplo - o testemunho vivo de fé da hemorroíssa; enfim, não conheciam Jesus. Nesse ambiente carregado negativamente por espíritos armados contra a Boa Nova, relatar que Jesus salvara da morte a filha de Jairo seria perda de tempo: bastava que a vissem de pé, saudável, após o contato com Ele.

Em clima de incredulidade, as palavras são praticamente ineficazes; se o testemunho não servir para nada, de que adiantam as palavras? A própria filha de Jairo seria - a partir do contato com Jesus - testemunho vivo do poder salvífico do taumaturgo, em pleno coração do ambiente judaico: a casa de um dos chefes da sinagoga. O próprio Jairo seria também testemunho vivo da fé no poder de Jesus, uma vez que, diante de todos (da numerosa multidão e dos discípulos), suplicara ao taumaturgo que salvasse sua filha da morte. É, portanto, uma narrativa carregada de ironia para com a cultura religiosa da época, tomada como símbolo dos que duvidam

e, conseqüentemente, como antimodelo (anti-paradigma) para o seguimento de Jesus e para o desenvolvimento de uma mística cristã.

Com isso, a narrativa de cura da hemorroíssa e da filha de Jairo parece sugerir um aspecto fundamental da mística cristã: a transformação só se dá como experiência da ressurreição na secreta experiência da fé.

Por isso, de um lado, é importante que se publique, para que a mulher (símbolo por excelência dos excluídos) ressuscite no meio da multidão; doutro lado, não adianta dizer, porque se trata de uma experiência pessoal.

De qualquer modo, o testemunho substancial não vem simplesmente das palavras, mas, sobretudo da transformação que o encontro com o Sagrado Salvífico causa na vida, no corpo das pessoas. Isso, por fim, causa interferência positiva no corpo social e cultural de um povo.

B) O rompimento com o sagrado não-salvífico

Na perícopes em estudo, fica claro o esvaziamento e a perda de sentido do sagrado na religião oficial. No caso do chefe da Sinagoga, nem ele que, segundo a sua religião, está mais perto do sagrado, não consegue salvar a sua filha querida de uma morte prematura. No caso da mulher com fluxo de sangue, tal cultura aprofunda ainda mais o preconceito social para com ela, uma vez que a considera impura, marginalizando-a definitivamente de suas práticas religiosas, já bastante restritas para a mulher.

O evangelista Marcos parece sugerir que são os próprios judeus, começando pelo Mestre e Taumaturgo Jesus de Nazaré, passando por pessoas com a influência religiosa de um Jairo (chefe da Sinagoga), até a mais humilde e humilhada das pessoas excluídas (personificada na mulher que sofre de fluxo de sangue contínuo), são eles próprios que denunciam a descaracterização da religião oficial da época, como estrutura de sentido. À medida que se põem no movimento de construção da Boa Nova, tais pessoas também são res-

ponsáveis pela qualificação do cristianismo com o sagrado que estrutura e dá sentido à vida como um todo.

Tal sagrado, na expressão religiosa judaica daquele período histórico, perdera a mediação de encontro profundo do ser humano com Deus, à medida que foi perdendo a sensibilidade para com a dimensão antropológica.

Ao lembrar isso em plena cultura greco-romana, o evangelista Marcos parece estar consciente de que, com a vinda de Jesus, se esvaziam e perdem sentido os sagrados que não conseguem revitalizar as pessoas, trazendo-lhes vida nova. Parece estar consciente de que se esvazia e perde sentido todo e qualquer sagrado que fica longe da vida real, circunscrito a templos, preso a cultos estéreis, limitado a pessoas e objetos cada vez mais inacessíveis, intocáveis.

De fato, em plena cultura greco-romana, o cristianismo contraria alguns comportamentos culturais e religiosos vigentes no século I. Ele recusa uma religião fechada, reservada apenas a um pequeno número de iniciados. As exigências morais do Evangelho se opõem ao desprezo pela vida, ao laxismo sexual, ao gosto do luxo e do dinheiro, que freqüentemente caracterizam a sociedade imperial. A mensagem cristã rejeita o relativismo religioso. Ele não deseja ser incluído entre os outros cultos e não aceita a divinização do Estado. Acrescente-se a isso o tratamento inferior dado à mulher e o desrespeito para com as crianças.

C) Valorização da mística do povo

Com a sua religiosidade funcional, a hemorroíssa deixa claro que a busca desse sagrado do tipo funcional e mágico não é um produto novo, criado pela Modernidade. Trata-se, sim, de um fenômeno antigo que perpassa todas as culturas em todos os tempos. Poderíamos dizer até que se trata de um fenômeno próprio da pessoa humana que, em situações extremas da vida, recorre ao sagrado como única tábua de salvação.



Jesus soube acolher aquela mulher com todos os seus problemas e com toda a sua mentalidade. Com tal exemplo, Marcos parece querer propor às comunidades cristãs de seu tempo compreensão e apoio para com a grande maioria que se encontra em situações-limite e desumanizantes, o que faz emergir em suas cabeças uma mentalidade mágica, própria de uma etapa pré-cristã. Esse fenômeno se observa entre pessoas que, inclusive, já têm uma formação cristã.

É preciso ter, portanto, paciência histórica, pois a rapidez com que o sagrado salvífico é elaborado na reflexão dos teólogos não é a mesma com que é captado e realmente vivido pelo povo de Deus. Para tanto, é necessário manter viva a opção pelos empobrecidos e por todas as pessoas que padecem algum tipo de sofrimento, as quais, de alguma forma, sentem na própria pele as necessidades concretas da vida.

A práxis salvífica de Jesus vem ao encontro dessas mesmas necessidades humanas concretas. A práxis salvífica das comunidades cristãs deve manter-se sintonizada com essa preocupação, possibilitando:

- a intermediação e o encontro entre a pessoa (que vê a vida de alguém querido ou a própria vida gradativamente esvair-se) e o Deus da Vida (que lhe restaura e lhe devolve a vida em plenitude);
- a proclamação da novidade salvífica desse encontro místico com Deus deve ser feita pelos próprios místicos, isto é, pelas mesmas pessoas que experimentaram, na intimidade de suas próprias entranhas, esse encontro salvífico, por meio das palavras (como o fez a hemorroíssa) e, sobretudo, por meio do testemunho irrefutável do corpo plenamente restaurado (como o fez a filha de Jairo).

O central da fé cristã, enquanto testemunho expresso, não é somente se sentir salvo, mas, sobretudo, dizer que o Sagrado que salva está em Jesus de Nazaré. Isso reforça a própria identidade.

de.

CAPÍTULO 3: RESERVA DE SENTIDO PARA HOJE

Nos dois primeiros capítulos da Tese, constatamos elementos de grande atualidade na dupla narrativa de milagres em Mc 5, 21-43.

Embora estejamos numa realidade bastante diferente, percebemos a presença do mesmo fenômeno que fazia multidões se aglomerarem em torno de Jesus. Em virtude disso, fala-se muito em “volta” ou em “retorno” do religioso, mas talvez estejamos nos deparando mesmo com a “permanência” do religioso.⁸ A proliferação de seitas neopentecostais que oferecem curas miraculosas, a reação de setores da Igreja Católica por intermédio da Renovação Carismática demonstram a atualidade desse fenômeno.

O que fazer diante de tal realidade?
a)Desconhecer o fenômeno ou fechar os olhos diante dele, não dando a atenção pastoral devida? Há toda uma prática pastoral que não leva em conta essa realidade, chegando até mesmo a menosprezá-la, na sua orientação religiosa.

b)Responder ao fenômeno no mesmo nível, ou seja, dando soluções pseudopastorais, tais quais são solicitadas? Muitos fazem isso, abrindo Igrejas que oferecem curas, incentivando a busca de sagrado através da intermediação de determinadas pessoas tidas como santas, ou através de lugares tidos como miraculosos, os quais, com o passar dos anos, se tornam centros de romaria.

c)Ou dar uma resposta missionária séria, estudada cientificamente e refletida à luz da contribuição bíblico-teológica atual?

Tendo presente todo esse contexto desafiador, à luz dos estudos sobre os relatos de milagres em Mc 5, 21-43 (Cap. I e II), procuramos levantar no Cap. III proposições que geraram a seguinte conclusão:

a) A busca do sagrado nasce da experiência exis-

tencial.

São os problemas existenciais do cotidiano que levam muitas vezes às experiências antropológicas mais profundas, tais como a experiência religiosa.

Paradoxalmente, quando entramos em contato com o mais profundo do fosso da limitação humana, quando nos deparamos com a nossa indignância e finitude, é justamente aí que temos a oportunidade de “tocar” no infinito, ilimitado poder de Deus.

b) Na busca do sagrado cristão, é sugerido **um caminho**

O **sagrado caminho que leva ao encontro com Deus** é algo que todas as culturas, ao longo dos séculos, procuraram abrir e trilhar, em virtude da necessidade de o ser humano “tocar” no Divino Mistério Salvífico que passa pela vida, na busca de sentido para uma existência tão frágil quanto passageira.

c) O caminho do sagrado cristão leva ao encontro consciente com o poder salvífico de Deus.

Conforme sugerimos no Cap. I, a construção da narrativa em esquema quiásmico tem seu ponto central na consciência do poder salvífico de Deus (vv. 29-31): ao tocar nas vestes de Jesus, a mulher percebe imediatamente que a hemorragia estancou, sentindo no corpo que estava curada de sua enfermidade; no exato instante em que, de forma especial, foi tocado em suas vestes, Jesus

vida:

situação 1 ———>
AUSÊNCIA DE SENTIDO

situação 2 ———>
**PÔR-SE NA BUSCA,
COM FÉ**

situação 3
**ENCONTRO COM O SAGRADO,
EM ALGUM LUGAR DA
CAMINHADA**

————> situação 4

————> situação 5

————>

tem plena consciência do poder que dele saíra.

d) No encontro com Jesus, é sugerida uma mística encarnada na realidade.

Um outro aspecto importante é que o encontro com o Sagrado Cristão implica o seguimento radical de Jesus Cristo. Nesse seguimento, a pessoa é levada a se comprometer com a continuidade do Projeto da Encarnação de Deus na história. Nesse seguimento, a pessoa é conduzida a uma mística encarnada, isto é, a uma experiência de Deus que se dá no contato com os que sofrem, através de gestos que se preocupam com a corporalidade das pessoas, através de um serviço humilde e amoroso em prol do seu bem-estar físico e psíquico, sobretudo daquelas pessoas mais pobres, oprimidas, marginalizadas e excluídas e / ou daquelas que, embora privilegiadas socialmente, se colocam na condição dos empobrecidos e empobrecidas, condição de necessitado(a), e são capazes de suplicar ajuda.

e) No encontro com o sagrado cristão, o poder da fé sai fortalecido para a missão.

Mc 5,21-43 sugere que esse “caminho” deve ser trilhado como um “itinerário de fé”, cujo primeiro passo consiste em sair do comodismo e pôr-se no seguimento de Jesus, Sagrado Salvífico Cristão, na esperança de encontrá-lo mais adiante, como o fizeram Jairo e a hemorroíssa.

Esse caminho é sugerido como um **itinerário de fé** para todas as pessoas que desejem superar situações-limite, em meio à ausência de sentido na



NOVA VIDA SE A CAMINHO, SEMPRE...

f) A missão evangelizadora, hoje.

Em meio à crise da Modernidade, lá todo um recrudescimento da busca de sagrado como fonte de sentido para a vida, o qual tem gerado um mercado religioso cada dia mais diversificado e plural.

O evangelista Marcos parece sugerir que não percamos o elã missionário de apresentar, sempre de novo, a todos os que buscam o Sagrado Salvífico, a pessoa de Jesus Cristo.

Fazendo isso, além de retomarmos a nossa própria identidade cristã, estaremos contribuindo para o diálogo com as demais instituições que procuram intermediar o sagrado, nesse mercado religioso em expansão.

Através desse diálogo, temos muito o que aprender e contribuir. Quem sabe, possamos construir juntos juízos teológicos que nos ajudem a discernir melhor sobre o **sagrado salvífico** (sagrado capaz de salvar / libertar / refazer vidas novas) e o **sagrado não-salvífico**, na busca de aperfeiçoar nossa missão evangelizadora.

NOTAS

1 Sagrado é aquilo que tem como intuito propiciar o acesso ao Divino e, como que, ajudar a “tocar” em Deus. As formas dadas ao sagrado são inúmeras: cultos, tabus, ritos, mitos, gestos, danças, jogos,

PÔR-

objetos, carrancas, fetiches, amuletos, despachos, mandingas, símbolos, cosmogonias (sistemas que procuram explicar a origem do universo e do mundo), **peessoas consagradas**, animais, plantas, lugares santos, superstições, magias etc. LIBÂNIO, J. B.; MURAD, Afonso. *Introdução à teologia*. perfil, enfoques, tarefas. São Paulo: Loyola, 1996, pp. 289-290. “O círculo dos objetos sagrados não pode ser determinado de uma vez por todas; sua extensão é infinitamente variável conforme as religiões”. DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa*. o sistema totêmico na Austrália. São Paulo: Martins Fontes, 1996, p. 20.

2 GNILKA, Joachim. *El evangelio segun San Marcos*. Mc 1,1-8,26. Salamanca: Sigueme, 1992, v. 1, p.26.

3 GNILKA., op. cit., p. 110.

4 ALEGRE, Xavier. *Marcos ou correção de uma ideologia triunfalista*. chave de leitura de um evangelho beligerante e triunfalista. Belo Horizonte: CEBI, 1988 (A Palavra na Vida, 8), pp.13-15.

5 TAYLOR, Vincent. *The gospel according to St. Mark*. London: Macmillan & Co. Ltd. London: 1957, p. 97.

6 Id., *ibid.*, pp. 107-108.

7 THEISSEN, Gerd. *Sociologia do movimento de Jesus*. Petrópolis: Vozes; São Leopoldo: Sinodal; 1989, pp. 21-23; 131. BATTAGLIA, Oscar. *Introdução aos evangelhos*. Petrópolis: Vozes, 1984, p.25.

8 BINGEMER, Maria Clara L. *Alteridade & Vulnerabilidade - Experiência de Deus e pluralismo religioso no moderno em crise*. São Paulo: Loyola, 1993, p. 30.